

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2.^o andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, - 30 DE SETEMBRO DE 1893

KXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
„ atrazado	\$300

SUMMARY.—Historia dos sete dias, José do Egypto.—Questão scientifica, Drs. Domingos Freix e B. de Carvalho.—A' mãe (soneto), Luiz Delfino.—Poesia e Poetas, R. Octavio e A. Magno.—Leituras, M. Valente.—Antes do baile (poesia), H. de Magalhães.—Chronica dos livros, O. Letudo.—Factos e Noticias. Theatros, P. Talma.—Correio, Eurico.—Tratos á bola, Frei Antonio.—Archivo.

Historia dos sete dias

Ha entre todas as artes uma notavelmente grave e difficil. Ides saber qual seja, espavoridos leitores, que menos que ás balas sobrevivestes ao susto.

Não é *A arte de amar*, de Ovidio, nem *A arte de furtar*, do padre Antonio Vieira, nem *A arte de ser avô*, de Victor Hugo, nem *A arte de ser feliz*, nem a *A arte de cozinhar*, de que são mestres Savarin e Monselet, nem a de falar, que Cormenin tratadizou, nem a de calar a tempo, nem a de enriquecer sem trabalho.... Nenhuma dessas.

E' a arte de ler entre as linhas.

Na escripta litteraria existem, como na musical—linhas e espaços. Nesta, porém, as notas escriptas nos espaços tem valores determinados, são visiveis. Para lelas basta ler musica. O contrario na outra. O escriptor escreve mais entre as linhas que nas linhas. Para lêr não basta saber lêr o que está escripto visivelmente—nas linhas; é preciso lêr tambem o que se escreve invisivelmente—nas entrelinhas. Ta'ito assim que quando um artigo tem grande alcance, intenções compridas, mauda-se ao compositor que lhe augmente, que lhe dobre as entrelinhas.

Porque? Porque o espaço commum entre as linhas não lhe basta para tudo quanto tem o autor a dizer.

A materia é subtil e, por nosso infortunio, meu e dos leitores, a penna de quem o trata não o é bastante para bem tratá-lo.

Vou esforçar-me por ser claro.

Passou em julgado e virou dogma que a palavra foi dada ao homem para encobri-lhe o pensamento.

A maior desgraça do mudo é não poder mascarar com o véo espesso da palavra as sensações e os sentimentos que o rosto espelha. Sinceridade forçada. Que é a rethorica senão a arte de provar tudo por

labeis combinações de vocabulos, entretecidos por tropos e figuras?

As maiores cousas são ditas com os olhos, com as mãos, com o jogo dos traços physi-nomicos.

As expressões mais fortes, mais eloquentes, quer discr: mais sinceras, são as expressões do rosto.

Já o bom e velho Bocage o disia:

Eu antes quero
Muda expressão:
Os labios mentem,
Os olhos não.

Pois é. Falar é sempre mentir, porque nunca jamais consegue a lingua reproduzir com exactidão e justesa o que pensa o cerebro e quer o coração.

A lingua ou diz de mais ou de menos—falsidade sempre. Lingua falante ou escrevente, que tudo, artigo ou discurso, tudo é lingua.

A agulha espetada na de Cicero é um symbolo, é a condemnação irreparavel da palavra, mascara venal da ideia.

Escriptor, que tal nome e titulo mereça, só escreve o que não escreve.

Estão rindo do jogo destas palavras, achando aninhada nelle a vespa verde-oiro de um paradoxo. Se isso fosse, seria isso a confirmação da minha these. Mas não é. Só se escreve realmente aquillo que se não escreve. Corollario: é no branco das entrelinhas que se deve ler o que *escreve* o autor. Mas escreverão todos elles—entre as linhas? Não, nem todos; por isso distingui logo: “escriptor que tal nome e titulo mereça....”

Os que só na pauta sabem escrever não são escriptores: são escreventes; não escrevem, fazem e juntam letras. Por isso é que não constituiu “a arte de escrever entre as linhas”; ella é a propria arte de escrever.

“Ler entre as linhas,” sim, é que é uma arte especial e grande e difficil como a de ser feliz.

Qual o processo geral da leitura?

Os fios das letras, agrupadas em palavras, são trilhos e a intelligencia um vagão electrico; admitta-se.

Mette-se o vagão nos trilhos e ahi vai a gente por meio dos olhos, ou da vista dos dedos (que é nelles que estão os olhos dos cégos) viajando pelo que está escripto, *vendo* o que lá está expresso.

Esse é o processo commum. Mas isso não é lêr: é comer letras.

Lêr é *ver* o que ellas escondem, entender o que o escriptor *não escreve* no que *escreve*.

Quereis um exemplo? O exemplo é a lição materializada. Busquemol-o na actualidade, para não sahir da semana.

Quaes os jornaes que *mais tem escripto* sobre os acontecimentos politicos que nos estão agitando ha quasi um mez?

Os que enchem columnas e columnas com elles?

Não; mas justamente aquelles que menos delles se occupam.

Mais dizem os que menos falam.

O antigo chefe do extincto partido conservador era o maior orador da Camara e do seu tempo.

Seus raros discursos eram preciosos pelo que deixavam de dizer e que todos, não obstante, ouviam distinctamente.

O que é que todos procuravam ler no *ex-grande orpão*? O seu silencio.

Quando elle, por fim, se dignava de escrever, lembraes-vos com quantas entrelinhas o fazia?

Já vedes que não é paradoxo o que tenho vindo escrevendo



Mas a que proposito veio isso, paradoxo ou não? me perguntareis. Já vol-o digo.

E' uma historia da minha mocidade.

Morava eu em uma villa do interior, bom lugar de boa gente e bellas arvores. Mas de gente que, como era pouca e desoccupada, vivia a rixar de continuo, para distrahir-se.

Como não me aprouvesse essa diversão, substitui-a por um jornal; um periodico semanal, como este, mas muito mais pequeno e impresso como Deus sabia e talvez saiba ainda.

Chamava-se *A Idéa*. Enchia-a eu de artigos guindados, fogosos, sobre essas entidades, tão lindas quanto abstractas, que tanto nos delectam e tauto bem nos fazem, ua bella quadra da primavera da vida—a Justiça, a Liberdade, a Igualdade, o Direito, o Amor Universal... Disso e de versos.

Ora aconteceu que uma feita brigou o delegado de policia com o chefe dos canoieiros.

(O logarejo era á beira de um rio, largo mas pouco fundo, por onde fazia naquelle tempo o commercio o transporte das mercadorias e a lavoura o de seus productos.)

Sendo o assumpto, além de momentoso, monumental, entendi não poder eximir-me de tratá-lo. Como era, porém, extremamente delicado, porque se o chefe dos canoieiros não tinha por si a razão, tambem o delegado tinha suas culpas bem boas no cartorio, fiz e publiquei n'*A Idéa* um artigo imparcial, mas escripto para ser lido entre as linhas.

Ninguém o leo por ali. E o resultado foi que me consideraram *ambrosista*. (O canoeiro-mór chamava-se Ambrosio.)

Era o diabo, porque, advogado, homem da lei e da ordem, não me ficava bem ser tido por sustentáculo da hydra fluvial.

As cousas agravaram-se. Houve combate. O delegado tentou vencer as canoas, mandando gente sua agarrar-as a nado. Mas o Ambrosio metralhou-a a aboboras, batatas, pepinos, todas as munições de... boca que tinha nas canoas de que era dono. Foi horrível. A villa estava no ar. Não havia mais socego.

Cidadãos pacatos, a jantar, recebiam á sobremesa, pelas janellas, laranjas e limões... na calha e no corpo. Um pavor! Fecharam-se as duas vendas, a botica e o barbeiro.

O delegado teimava em defender o seu direito e o principio de autoridade que representava—no que fazia muito bem. O Ambrosio, senhor do rio e dos chavecos, resistia tambem.

Estendeo-se a luta até á seguinte semana. Escrevi segundo artigo, e nelle procurei com habilidade explicar que aquella *guerra* intestina tambem me consternava, e que dava razão a quem a tinha; que os contendores deviam, porém, lembrar-se que havia entre elles alguém que era o verdadeiro interessado na luta, e que esse alguém era o povo da localidade, pobre diabo de carneiro que podia muito bem perder um dia a paciência... e outras cousas mais...

Tudo escripto nas entrelinhas muito mais que nas linhas, porque o delegado não era de brincadeiras e já havia mandado dizer á *Ideia* pelo Juca Meirinho que "visse lá o que ia escrever."

Pois não é que o segundo artigo ainda foi menos comprehendido que o primeiro? Não é que me chamaram todos os meus vinte e nove leitores de *vira-casaca* e *estulano*? (Chamava-se Estulano o delegado).

Essa absoluta ignorancia da arte de ler entre as linhas desgostou-me tão profundamente que resolvi acabar com a *Ideia*. Abandonei a politica e a imprensa.

Aproveitei, comtudo, alguma cousa no meio daquelle desgosto.

Foi o seguinte conselho do Chrispim Faz-Tudo, juiz de paz chronico e tocador eximio de violão:

—Olhe, seu doutor. Quando dois estiverem brigando por causa de terceiro, não se metta para defendel-o; porque, se se metter, apanha de ambos e o defendido não lhe agradece. Quando ronca o páu não se ouve a voz da razão. Mais forte que um páu só outro.

Sabio Chrispim! Tu, só tu, sabias ler entre as linhas!

JOSÉ DO EGYPTO.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Sr. Director d'A SEMANA.

Fazer a critica scientifica de obras litterarias, ainda quando se limite á apreciação de uma narrativa, de um episodio, de um ponto qualquer isolado na serie das elaborações artisticas do escriptor, é sempre tarefa a que

não se devem abalancar senão espiritos bem apparelhados na manipulação estho-psychologica, cujos processos constituem hoje a analyse litteraria na sua concepção mais elevada, quero dizer a psychologia applicada dos povos e dos individuos.

E quando a personalidade a quem se endereça a critica se chama Wagner ou Zola, as incarnações revolucionarias da arte e da litteratura, torna-se mister, para a traducção fiel da percepção do bello, a penna adestrada de um Saint-Beuve ou de um Taine.

Por certo déra eu de mão, sr. redactor, ao encargo que me impuzestes, o de emitir a minha pouco valiosa opinião ácerca de uma descripção naturalista do laureado autor do —*Docteur Paschal*—caso se não tratasse apenas de discutir a possibilidade, perante as leis conhecidas actualmente em biologia, de um facto extranho e eminentemente apropriado a produzir a commoção esthetica, qual é a da combustão humana espontanea, isto é a destruição rapida do corpo humano vivo pelo atear de um fogo, cuja natureza e origem tem sido desde longos annos a arena de discussões calorosas entre os medicos — leigistas.

Não procurarei, pois, averiguar o valor do meio artificial ou do composto de sensações a que recorreu Zola para impressionar os seus leitores, tanto mais quanto só pelo esmerilhar do complexo da obra se poderia afferir com precisão essa parte do problema esthetico.

Tem differido consideravelmente os autores, quanto á possibilidade da combustão espontanea; uns negando-a sem remissão nem agravo, outros pondo-a em duvida, admitindo to-lavia que possa produzir-se; um terceiro grupo finalmente dando-a como cousa irrefragavel.

De que lado está a razão?

Nélaton, por exemplo, affirma peremptoriamente que o corpo todo inteiro pôde ser consumido pelo fogo. "A combustão espontanea, (escreve este celebre cirurgião,) tem sido quasi constantemente observada em individuos gordos e dados a bebidas alcoolicas. Acha-se, chegado ao theatro do accidente, o quarto cheio de vapores espessos, as paredes cobertas de materias negras, carbonisadas, a gordura escorre, algumas cinzas e fragmentos osseos pelo chão, ultimos destroços de um corpo ainda ha pouco organizado."

Zola, fazendo a descripção do incendio do velho Macquart, parece ter-se inspirado em Dupuytren, colorindo com as cores vivas da sua palheta de romancista a seguinte passagem narrada por este notavel professor de cirurgia:

"Uma mulher recolie-se á casa, depois de haver bebido uma dose um pouco forte de licores espirituosos. Faz frio, para resistir ao rigor da estação ella accende um pequeno fogo. Senta-se n'uma cadeira e aquece os pés sobre um brazeiro.

"A somnolencia profunda produzida pelos licores espirituosos succede a asphyxia produzida pelo carvão e o fogo passa ao vestido. Neste estado a dor se cala, o individuo fica em completa insensibilidade. O fogo vai ganhando terreno, as vestes se inflammão e se consomem, a pelle arde, o epiderma carbonisado se fende, derrete-se a gordura e escorre para fóra; uma parte della rega o soalho, o resto entretem a combustão. O dia vem rompendo... tudo está consumido."

A estas afirmações categoricas contrapõe-se a hesitação de Devergie, que tendo consagrado no seu Compendio de Medicina Legal um extenso capitulo á combustão espontanea e feito a historia de numerosos casos citados por Lecat, Duncan, Richond e outros, casos que figurarão em processos celebres instaurados por accusação de assassinato, termina confessando que está longe de dal-a como certa e concita os medicos, visto as dissidencias de opiniões, a que recolhão com o maior

cuidado todos os factos que se lhes depararem na pratica.

As hypotheses imaginadas para a interpretação do maravilhoso phenomeno de que estamos tratando têm sido numerosas. Aquella que mais proselytos tem feito, admite que as pessoas dadas ao vicio da embriaguez habitual acabão por ficar saturadas de alcool, que impregnaria os seus tecidos como a esponja embebe os liquidos. Então os diversos apparatus do organismo, embebidos de uma substancia tão altamente inflammavel, mediante a menor causa, a approximação de uma véla accesa, a queda de uma brazza, podem entrar em facil combustão.

E' ou não admissivel em physiologia a fixação do alcool nos tecidos? Parece-me que só pela affirmativa devemos responder.

Sabemos nós medicos quantas degenerescencias hepaticas, cardiacas, arteriaes medullares, renaes, cerebraes etc. são causadas pelas continuas irrigações do veneno ingesto pelos alcoolistas emeritos.

Uma obesidade peculiar é a consequencia dessas repetidas absorpções, pois o alcool repriime a actividade das trocas intersticiaes, o que reverte em beneficio da assimilação sob a forma de massa adiposa, porem fluida e balofa, qual se fora uma emulsão de gordura em alcool.

Parece tambem fóra de duvida que parte do alcool absorvido se oxyda no sangue, passando a dar um composto tão inflammavel como o proprio alcool, composto que os chimicos chamão *aldehydo*, cujo cheiro suffocante caracteristico se revela no halito dos individuos que se embriagam quotidianamente.

Em face da sciencia, a combusão espontanea será um facto raro, excepcional, mas não é impossivel, dadas certas e determinadas condições, no numero d'ellas certas idiosyncrasias ainda não elucidadas.

Pois em relação á electricidade animal não citão os auctores factos extraordinarios, como a emissão de faiscas crepitantes pelos fios do cabelo, á approximação de tempestades, facto sobretudo observado em mulheres nevropathicas?

E' corrente que nas regiões muito secas da America do Norte tem se visto a apparição de centelhas electricas no momento em que duas pessoas se entretoçam n'um affectuoso beijo.

Si o emmente creador do *Assommoir* nos representasse um velho dyspeptico, de barbas hirsutas e eructações nidrosas, que ao accender o seu cigarro junto á sua phosphoreira recuasse espavorido ao estourar de um gaz inflammavel exhalado pelo seu estomago, não faltaria quem achasse este phenomeno contrario ás leis naturaes. Entretanto a coisa é não só possivel como realizavel.

Henri De Parville, o illustre divulgador das conquistas do entendimento humano, nos conta varios casos destes nas suas — "Causees scientifiques". — E' que certas dyspepsias, particularmente as que tem por origem o abuso dos alimentos farinaceos, provocam no interior do canal intestinal o desprendimento de varios gazes, entre elles o famoso "grisou", o terror dos operarios das minas de carvão de pedra, gaz muito inflammavel, causa de explosões medonhas. Ora, é claro que o velho dyspeptico teria voado em mil estilhaços se bastante oxygenio houvera no apparelho gastro-intestinal, onde aquelle gaz se forma em virtude de fermentações morbidas.

Em summa, eu desejo resumir a minha opinião. Eu acho que Zola, queimando o inveterado alcoolista Macquart, não faltou á sua fé de escriptor naturalista. Elle não escreveu como sabio, escreveu como litterato inspirado na observação dos sabios.

Conforme estes ultimos, a sua descripção foi correctea e magistral, pouco nos importa se de harmonia ou não com a generalidade das leis biologicas. Elle, como romancista, seguiu as leis que regem o genero romantico. Demais, se o exemplo figurado pelo romancista deve ter consequencias remotas, serão

tôdas ellas heuificas para a sociedade. Quanto ás consequencias immediatas, ninguem se temo dellas.

Neste ponto estou de perfeito accôrdo com o que escreve Emile Hennequin na sua — "Critique scientifique": O romance é uma série de phrases escriptas, destinadas a representar um espectáculo commoedor; a commoção quer se sinta depois de tel-o lido e ao lê-lo, é o seu fim. Esta commoção se distingue da produzida pelo espectáculo real que se substituisse ao espectáculo representado no romance, por ser ella mais fraca, como tôta a representação; por ser ella inactiva, por não provocar na occasião mesmo nem actos, nem tendencias a um acto. Ninguem irá socorrer o herôe assassinado no ultimo capitulo; e se elle faz casamento, a alegria que disto resulta não tem de certo consequencias praticas.

Appliquemos o caso ao desgraçado Macquart.

Mas não é que me descuidei e estou mettendo a mão em seára alheia?

Quantas desculpas por esta distracção minha tenho de pedir ao meu bom e notavel amigo Valentim Magalhães, essa mentalidade pujante da moderna geração litteraria!

Eis até onde nos conduzem as digressões intempestivas.

Como quer que seja, bem ou mal, externei a minha opinião.

"Quod scripsi, scripsi".

Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1893.

DR. DOMINGOS FREIRE.

Recebemos do Sr. Dr. Bernardo Teixeira de Carvalho um excellento artigo em resposta á pergunta que á classe medica dirigimos sobre o accidente descrito por E. Zola no "Docteur Pascal", reduzindo o corpo de Macquart a um monticulo de cinzas e a uma porção de gordura.

Não podemos dar na integra o seu trabalho por ser excessivamente longo para os estreitos limites d'"A Semana", do que pedimos desculpa.

O Sr. Dr. Teixeira de Carvalho teve a gentileza de responder-nos, dizendo que o facto "é rarissimo e crê que seria o primeiro a ser observado na sciencia, mas perfeitamente admissivel e real."

"Os factos conhecidos têm sido justamente observados em individuos de tecido adiposo extraordinario, impregnados de alcool, pelo abuso prolongado de licôres esprituosos."

"Entretanto ha exemplos citados por Le Cat, M. M. Kopp, Marc e outros, bem averiguados, de combustão espontanea, em individuos que não apresentavam nenhuma d'aquellas condições, e mais ainda—não foi necessaria a presença de um corpo em ignição para a respectiva combustão.

"N'estas combustões—continúa S. S.—os corpos animaes, em alguns accidentes, não attingiram á completa incineração, ficaram partes queimadas, outras torradas, sendo algumas, porém, totalmente consumidas e reduzidas a cinzas.

As partes poupadas foram algumas peças ossaeas, extremidades do corpo, dedos, artelhos, pés, mãos, ossos da columna vertebral ou porções do craneo."

Depois de dar a etymologia e definição da palavra "combustão", entra em largas considerações sobre ella, citando varias observações de autores sobre a "combustão espontanea"

Diz que "Buschet relata que, abrindo cadaveres de supplicados, reconheceu, em todos os tecidos, o cheiro de vinho ou de alcool, ingerido por elles antes de subirem ao cadafalso.

"O estomago não digere perfeitamente todas as substancias que lhe são confiadas, sendo algumas absorvidas pelos tecidos de nossos orgãos, com todas as suas propriedades. Eis porque deve ser perfeitamente aceitavel o accidente da combustão humana, quando o alcool invade o tecido cellulae e adiposo das victimas e quando principalmente se achar em contacto com um corpo em ignição.

"Pelo estado Idioelectrico, mais pronunciado no inverno, segundo alguns autores, ou porque n'esta epocha os individuos com mais frequencia se approximam do fogo, é n'esta estação que se tem observado maior numero de casos.

"Algumas observações que se seguem completarão este artigo."

E cita uma longa série de factos, dá-nos uma grande bibliographia e termina assim:

"Não ha portanto duvida de que este facto, como todos os outros observados, apoiam a narrativa do immortal e distincto escriptor Emile Zola:

Sómente, como disse no começo d'este artigo, a incineração "total, completa", não me consta ter sido ainda observada, mas, é perfeitamente possivel e aceitavel, dependendo apenas de menor ou maior desenvolvimento e duração.

Alguns autores tentam negar a authenticidade da combustão espontanea, e d'entre elles creio que o eminente Legrand du Saule, mas, em presença destas e outras muitas observações, me parece perfeitamente comprovada."

VOLTA AO PAIZ AZUL

(URNAS)

Á M Æ E

Fugiu? — Espera: vamos ver. — Supponta

A dôr: socega... — Mas por onde iria?

Quem, para o firmamento, abriu-lhe a porta?

Quem foi? quem é? — quem, pobre mãe, seria?

Tão branca estava!... mas não estava morta...

E quando inda cantava, e quando ria,

Subita mão dos laços d'ouro a corta:

Fôge... e a estrella subio... subio... subia...

Como está longe!... — Agora tu que esperas?

Nossas leivas são curtas e maninhas;

E que rosâes tem ella nas espheras!...

Oh! mãe, andam os sôes e as andorinhas

Atraz de azues e atraz de primaveras,

E o eterno azul em flôr no lar não tinhas...

LUIS DELFINO.

POESIA E POETAS

Broquéis, versos de Cruz e Souza—Rio de Janeiro, 1893.

Houve um tempo em que eu fazia versos, direi melhor, em que outra cousa eu não fazia senão versos. Meus poetas favoritos estavam-me sempre abertos sobre a mesa e, na despreocupação de minha vida de estudante, andava por toda a parte, na aula, na rua, na cama, com a attenção voltada para dentro, em busca de uma rima fugidia, ou á procura de um hemisti-

chio rebelde á gymnastica implacavel do metro.

Outros tempos vieram. Com elles preocupações surgirão e trabalhos novos forão tomando lugar na ordem do dia dos meus serviços quotidianos. E dia a dia essa invação foi-se accentuando de modo que desde muito tempo exilou de todo do meu espirito essa absorvente e compensadôra manifestação de sua actividade.

Desse tempo, porém, ainda me não abandonaram as saudades, e, senão tenho mais a afinação precisa para a factura de um soneto, resta-me por certo o amor ao verso, cuja leitura por vezes consegue transportar-me, passado em fóra, a essa temporada feliz que não volta mais.

E' o que tem acontecido com os *Broquéis*, formoso livro do Sr. Cruz e Souza, nitidamente impresso nas officinas da casa Leuzinger.

O livro, com excepção de tres ou quatro poesias, é uma collecção de sonetos, em cada um dos quaes o auctor procura fixar um impressão dolorosa de sua alma, sensibilizada pela tortura cruel da impotencia humana ante o idéal inaccessible, e que o faz exclamar:

Ah! que eu não possa eternisar as dores
Nos bronzes e nos marmôres eternos!

Tem o poeta a preocupação da forma. A luta do seu espirito se trava pela cristalisação do pensamento em um verso terso e harmonioso, dentro do qual as palavras se ageitem n'um torneamento flexivel e cantante. E ás vezes o Sr. Cruz e Souza attinge esse idéal. A impressão material do verso satisfaz aos ouvidos mais intransigentes; muitas vezes lhe falta, porém, a correspondente vibração espirital.

Não é bastantem o bom verso; é preciso que o verso, que sôa cantando no ouvido, contenha uma fibra que impressione o sentimento, que se traduza n'uma commoção intima e profunda. Na conjuncção inseparavel desses dois elementos é que a poesia se expande.

Essa expansão nem sempre se alcança na leitura dos *Broquéis*. Perpassam por todo o livro umas impressões frias e alvas de neves e luars, umas visualidades asceticas de monjas e enfermos, mas toda essa melancolia como que se empedernio na marmorisação do verso. A emoção que nos transmite a leitura das obras verdadeiramente poeticas, nem sempre se encontra na leitura dos *Broquéis*; e este é sem duvida o capital defeito da escola a que o autor se filia: *parnasianismo* temperado de *symbolismo*, *décadentismo*, ou como entre nós se diz, *novismo*.

O rebuscado das expressões, as torciculosidades acrobaticas da construcção logica dos periodos, a symbolica nebulosa das imagens afugentam o sentimento que se dilúe, se esperdiça no

trabalho do artista para a elaboração da obra, no esforço do leitor para a compreensão do sentido. Tem, entretanto, os *Broquéis* paginas bem apreciáveis e é pena que alguns versos menos correctos fossem deixados pelo autor enfeitando estrophes do formoso livro. Ao lado dessas imperfeições, de facil remédio, encontram-se, porém, bellissimos versos, cuja leitura agrada, como por exemplo estes quartetos do soneto *Lesbia*, em cujo sexto verso ha uma onomatopéia original:

Croton selvagem, tinhorão lascivo,
Planta mortal, carnívora, sangrenta,
Da tua carne bacchica rebenta
A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse labio mordente e convulsivo
Ri, ri risadas de expressão violenta
O Amor, tragico e triste, e passa, lenta,
A morte, o espasmo gelido, afflictivo...

E mais estes versos do soneto *Satan*, que são feitos como de um bloco inteiro:

O sonho agita-lhe a immortal cabeça...
E sóta aos sóes, e estranha e ondeala e espessa,
Canta-lhe a juba dos cabellos flavos!

Entre as paginas do livro merecem especial menção *Mumia*, *Monja*, *Belleza morta*, *Apparição*, *Dansa do ventre*, *Foderis arca*, *Tuberculosa*, *Post Mortem*, *Incensos* e outras ainda que se lêem e se relêem com prazer, pois, nellas o autor fez transbordar todo o sentimento que lhe sobrava na alma, fixando-o no verso com todo o esmero que lhe proporciona a arte. Para que o leitor tenha a impressão integral de uma poesia do Sr. Cruz e Sousa, após transcrevo um soneto, a que o poeta intitulou *A Dôr*:

Tôrva Babel das lagrimas, dos gritos,
Dos soluços, dos ais, dos longos brados,
A Dor galgou os mundos ignorados,
Os mais remótos, vagos infinitos.

Lembrando as religiões, lembrando os ritos,
Avassallára os povos condemnados,
Pela treva, no horror, desesperados,
Na convulsão de Tantalo afflictos.

Por businas e trompas assoprando,
A grande Dôr aos frigidios espaços
As gerações vão todas proclamando,

E assim parecem, pelos tempos mudos,
Raças de Prometheus titaneos, rudos,
Brutos e collosaes, torcendo os braços!

Finda a leitura dos *Broquéis* é justiça concluir felicitando o seu autor. Fazer versos bons é uma virtude entre nós, em que máos, todos temol-os mais ou menos feito; fazel-os nos tempos de completo predominio da politicagem que atravessamos, chega a ser heroismo.

RODRIGO OCTAVIO.

OUSADIAS. *Versos de L. J. Soares de Souza. Rio de Janeiro, 1897. 96 pags.*

Regularmente impresso, o livro de Soares de Souza, que supponos ser parente, talvez irmão do seu homonymo, o qual com seus versos illustrou a nossa litteratura e com as suas producções theatraes tanto divertio as

nossas platéas e que muito mais nos daria se tão cedo não fosse pela morte roubado ás lettras patrias, o livro d'este outro Soares de Souza, diziamos, se não é um escripto de custosas joias, é pelo menos uma lida collecção de estrophes.

O que são essas estrophes dil-o o proprio poeta nesta quadra:

"Folhas que o vento varrerá um dia,
"Risos e lagrimas aqui dispersos.
"Luz nos prazeres, trevas na agonia
"Eis o que são os meus primeiros versos."

Felizmente para o verzejador, no seu livro radia mais vezes a luz do que negrejam as trevas; e estas mesmas, quando sobrepujam a luz, não são tão compactas que cheguem a produzir uma noite tormentosa, em que o sorriso dos astros scja apagado pelas lagrimas do temporal.

Meia escuridade, apenas, é o que ellas podem trazer; sombras diaphanas como cortinas de gase negra, atravez das quaes vislumbram os olhos o fervedouro dos astros que lembram a baixella de uma casa rica, lobrigada á luz de um candelabro de ouro, que é, entre as estrellas, o luar.

O livro é dividido em duas partes, cabendo á primeira o titulo de *Luz* e á segunda o de *Trevas*.

Naquella enfeixa o poeta os seus versos de humor, que nem sempre são felizes; nesta os seus versos mais sentidos: é o cofre das desesperanças, onde, por mais que o verzejador queira vasar as suas tristezas, ha de acabar sempre por desfranzir o sobrolho, á força de ouvir, de quando em vez, casquinar-lhe ao ouvido o som das risotas da primeira parte.

Se não fosse um livro de estrea, este de que estamos tratando, digamol-o com franqueza, não lhe perdoariamos os versos froixos que tem, a pobreza de rima de algumas poesias e a miseria de imagens e de idéas de outras. O livro é fraco; não parece ser feito por um moço, mas sim, por quem já sinte os olhos fatigados de muito fitar a radiação das auroras e dos sóes, e tenha por isto perdido a noção do colorido, e não sinta mais nas veias a explosão do sangue, que leva o poeta a pôr um clarim em cada estrophe e a pendurar um facho em cada verso.

Em todo o caso os versos do Sr. Soares de Souza não deixam de trazer promessas. Fica-nos, á leitura delles, uma vaga esperança de que talvez no futuro consigamos ler outros, traçados pelo mesmo punho, em que, a par da correcção do estylo, tenhamos a ventura de encontrar a originalidade e a seiva que não logramos encontrar na presente collecção.

Até lá, porém, que não me doa um dente.

ASCANIO MAGNO.

LEITURAS

A CAPITAL FEDERAL (impressões de um sertanejo) por Anselmo Ribas é um livro original, novo na idéia como não feittio, sem par talvez em nossas lettras.

Devo á sua leitura algumas horas de perfeito contentamento espiritual. E' leve, fresco, variado, sempre interessante, alegre sempre.

Coelho Netto fez mal em ter-lhe recusado o seu nome, mascarando-se com o do protagonista, porque talvez não tenha com elle publicado cousa melhor.

A obra seria admiravel se não fora incompleta. Coelho Netto começou de escrever "n'O Paiz" por desfastio, talvez por suggestão ou pedido da redacção, alguma cousa sobre a Capital Federal, apreciada por um sertanejo bisonho mas intelligente.

Era uma producção de dia a dia, sem plano. Mas a cousa foi agrudando a todos, o autor alargou-lhe o quadro, pensou na reproducção em livro e quando julgou que já havia materia para um volume regular, fechou bruscamente a obra com imprevisto ponto final.

Dahi o incompleto della e a sua insufficiencia para justificar o titulo.

Anselmo não vio do Rio de Janeiro senão o bairro e o palacete em que mora o tio Serapião, a rua do Ouvidor, o Paschoal, o theatro Sant'Anna, uma casa de batota fina, um baile em Botafogo e o Hotel Bragança.

Faltam assim quadros imprescindiveis para dar uma idéia da cidade a um espirito curioso de conhecel-a. Entre outros, o Corcovado, o Derby-Club em dia de grande premio, uma sala de redacção de grande jornal diario, o Silvestre, o centro commercial, um maxixe na Cidade Nova, uma casa do "demi-monde," um passeio na bahia de Guanabara (bem pouco convidativa agora) etc.

Tambem ha poucas physionomias typicas; pode-se mesmo diser que só ha duas—o comendador Serapião Ribas, sibarita obeso, rapidamente cevado nos tribofes felizes do "Encilhamento", e o Dr. Gomes de Almeida, um bello typo de "viveur" de talento e educação, um desses inuteis brilhantes, que seduzem e encantam com a vivacidade da sua intelligencia e as tiradas de seu espirito, incapazes, porém, de qualquer obra ou acção que exija tenacidade de animo e algum esforço de execução.

Voltarei, linhas abaixo, a esse interessante sujeito.

O estylo em que está escripto o livro inteiro é uma revelação, havendo-nos Coelho Netto acostumado a uma escripta torturada de rebuscamentos difficeis de phrases, subtilisada de intenções de rythmo e de corte, lentejoulada de exotismos.

Aqui não; o estylo corre facil, suave, luminoso, empalhetado de achados felizes, com singelesa e fluencia, mas sem trivialidade. Nem sempre puro e extremo de exotismos, ainda, como "valise, florasão, housses, tremblar, bueres," etc.

São primorosas as tiradas do Dr. Gomes de Almeida sobre o estado moral e mental de nosso povo. Ha muita observação verdadeira, muita critica justa e criteriosa naquellas esfusiadas, fagullhentas, irisadas, de bom humor. Aqui vão algumas;

"A' nossa litteratura falta o character da originalidade.

"Não é propriamente uma litteratura nacional, porque, por infelicidade, ninguém se preoccupa com a terra. Os olhos dos nossos poetas vëem as constellações de outros céos, as aguas de outros rios, a verdura de outras selvas, etc."

(Pag. 146 e seguintes).

Essa carapuça ajusta-se admiravelmente á cabeça de quem a talhou. E' sabido e lamentado quanto se compraz Coelho Netto em descrever homens, cousas e logares antigos e remotos—a Palestina, a Chaldéa, a Arabia, a Grecia, Roma e até a Africa, onde está fazendo passar a accção do romance que agora está publicando "n'O Paiz" sob o titulo "O rei fantasma."

A causa dessa abherração não a attribue Coelho Netto, e com razão, á ausencia do ideal plastico, "porque ahi temos a nossa Natureza, sempre nova e cheia de imprevistos" nem á ausencia do ideal poetico, "porque não ha paizagem mais suggestiva do que a nossa"; mas sim á difficuldade que encontram os

litteratos em descrever o real que nos cerca, sendo muito mais facil e commodo colorir fantasias, descrever o que imaginam.

Não me parece ser essa a causa principal, mas sim a falta de "nacionalismo," do sentimento da patria, a ausencia do espirito nativista, sem o qual não poderemos nunca ter arte e litteratura "nossas;" donde vem que sejamos, como bem observa o autor—"um povo incharacteristico."

Essa adaptabilidade a tudo que nos dão e que nos chega de fora e indifferença pelo que é nosso mostra elle ser tambem a causa da nossa passividade em politica, da qual só a urna nos interessa, não pela comprehensão do direito eleitoral, mas sómente por ser a urna uma tradição do motim.

"O Brasil politico deixará de existir no dia em que morrer o ultimo cabalista."

Grande verdade, que a pratica já demonstrou, com o advento da Republica. Extinctos os velhos partidos e não creados novos, o povo não vae votar, pouco se importando com os individuos que vão fazer de seus representantes.

"O brasileiro não é um povo rudimentar sob o ponto de vista psychologico." "Temos elementos para vir a ser um povo artista, como os gregos."

"É uma verdade, posto que desmentida diariamente pela improductividade e pela inercia esteril." "Porque?"

"Porque — responde ajuizadamente Coelho Netto — não temos educação de ordem alguma.

"Physicamente, somos um povo hybridado, sem raça discriminada, sem antecedentes firmes; nascemos da amalgama, somos os epigonos do Brasil."

"Moral e intellectualmente, estamos tambem por educar.

"Educação civica, comprehendida na moral,—o culto dos maiores e o respeito pelos factos da tradição, que levam o homem ao absoluto amor, o amor da Patria—não temos.

"Educação intellectual... O nosso povo, na sua maioria, é ignorante. Ha uma pequena parte de selecção que lê, outra parte que ouve e outra que nem lê nem ouve: o patricio, o plebeu e o servus, eis as tres castas.

"A primeira impõe, a segunda transmite, a terceira executa—d'ahi a inconsciencia de todas as nossas manifestações collectivas. O povo, propriamente dito, é uma massa rude, que serve de instrumento aos privilegiados. Essa casta superior, que podia impor as letras e as artes, é indifferente, porque não se educa na patria, educa-se no Estrangeiro ou nas suas doutrinas, é lida em livros de fóra, visita museus na Europa, fala sobre exotismo e sente e pensa a travéz do sentimento e do pensamento de seus educadores—são automatados do Occidente. Dahi a impossibilidade de dilatação litteraria e artistica."

Ha, por conseguinte, neste livro de alegria e travessura, mais do que essas boas qualidades—ha tambem conceitos criteriosos e fina critica humoristica.

Coelho Netto precisa fazer voltar o seu Anselmo para mostrar-lhe o Rio de Janeiro, que elle apenas entrevio.

Traga-o, passeie-o pelas praças, arrabaldes e cafundorios mysteriosos desta cidade extraordinaria.

O coruscante estylista mal desbravou o terreno neste livro—a mina opulenta e inesgotavel jaz inda virgem, á espera do avião de ouro e diamante de sua penua.

Emquanto espero, agradeço-lhe os momentos de delicado gozo litterario que me proporcionou o exemplar da "Capital Federal" que tão amistosamente me offereceu.

MARCOS VALENTE.

ANTES DO BAILE

Ceva no luxo essa vaidade, ceva!...
Porque é que ruge a sêda? E' porque sente
Prazer em te apertar estreitamente
A carne, ó tentadora filha de Eva?

Mas dos teus seios a onda lactescente,
Contra a veste que a opprime, se subleva!...
E' um relampago o olhar que vem da treva
Dessa pupilla tempestuosa e ardente!

Rico vestido! Astro de amor, não cessas
De deslumbrar!... Aos pés caio-te exangue,
Ante essas pomas tremulas, oppressas
No estofo, que rescende a ylang-ylang.

E' cedo p'ra o festim, porque te apressas?
Dize, ó tulipa immersa em torvo sangue,
Quem derramou em teus cabellos essas
Petrificadas lagrimas de sangue?!

Rubins,—vermelho pranto!—Quem t'o chora
Na cabelleira, que o perfume exhala?
Sobre o dia da fronte côr de opala,
A rubida corôa lembra a aurora!

Satura-te de aroina... Enche de gala
O esbelto corpo, em que a volupia move!
De oiro o cingulo enrosca á cinta, agora,
P'ra que imperes de baile em plena sala!...

As gemmas, que o negrume dessa coma
Ensanguentam, realçam-te a brancura.
A aza que inda te resta, o leque—toma.

Eu sei que a vida é triste e pouco dura:
—Colhe de gos, pois, a maior somma,
Flôr, antes que te colha a sepultura!

Que da tua boca a purpura escarcenila
Abre-se ao riso, as perolas mostrando,
Que eu quer' vel-as, — perola por perola.

Deixa-me ir na pulseira aprisionando
Esse braço que offusca a madreperola,
E lembra alva serpente ou cysne ondeando.

Soberba rosa tens ao collo presa!
Com tal pompa, mesmo entre as soberanas,
Quem não irá julgar-te uma princeza?!

A tua capa? — eil-a aqui. Como te ufanas!
Consulta, ainda, o espelho de Veneza,
E dize se a ti mesma tu te enganas.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CHRONICA DOS LIVROS

MAGALHÃES LIMA — LA FÉDÉRATION IBERIQUE. Traduction de L. Marianno, Guillard, Aillaud & Comp., Paris 1893.

Os nossos amigos Srs Alves & Co., proprietarios da acreditada Livraria Classica desta Capital, tiveram a gentileza de offerecer-nos um exemplar do valente e substancioso livro de Magalhães Lima, "La Fédération Ibérique." Magalhães Lima, brasileiro nato, é o director do "Seculo," um dos mais independentes e mais bem orientados jornaes de Lisboa.

"La Fédération Ibérique" é um trabalho de grande folego, em que o talentoso auctor estuda o desenvolvimento das idéias federalistas em diversos Estados da Europa e principalmente nos países latinos.

Transcrevemos a carta que Vacquerie dirigiu a Magalhães Lima e a deste áquelle eminente jornalista.

"A Augusto Vacquerie.

Meu caro Mestre.

Quando ultimamente, estive em Madrid como delegado ao Congresso dos Livre-Pensadores, enviastes-me a seguinte carta:

"Paris, 14 de Outubro de 92. Meu caro Magalhães. Considerar-me-ia feliz si pudesse corresponder ao convite com que me distinguiram. Trabalhos importantissimos prendem-me em Paris e assim não estarei presente ao Congresso de Madrid sinão pelo coração. Quereis representar-me e representar LE RAPPEL? Não podemos ambicionar melhor representante. Temos a mesma alma, o mesmo idéal, o mesmo amôr de livre-pensamento, a mesma aspiração á alliança das raças latinas. Presente vós, não estaremos ausentes. Apresentai ao Congresso minhas desculpas e meus agradecimentos. Vosso devotado compatriota, Augusto Vacquerie."

Hoje venho agradecer-vos publicamente essa prova de estima e sympathia. Para nós, latinos, não sois somente o illustre amigo de Victor-Hugo—o grande poeta que a França venera pelo seu talento e seu genio, sois mais do que que isto.

Vemos em vós o chefe do jornalismo parisiense, o Mestre de todos os que têm aspirações republicanas. Em vossos artigos, em vossos livros, em vossas posses, e em vossos admiraveis trabalhos dramaticos, temos aprendido a amar a liberdade e a democracia.

Vosso nome é uma bandeira! E' a bandeira da emancipação humana, do bem, da verdade e da justiça! Vossos escriptos nos guão como um pharol, através os escolbos creados pela calumnia, pela inveja e pelo odio das paixões humanas!

Como Victor Hugo, Garibaldi e Mazzini, sois forte e sois ainda o apostolo ardente da federação latina. E' nesse titulo que este livro, em que condensel minhas aspirações e meus pensamentos intimos, vos é dedicado. Para chegar á federação latina é necessario começar pela federação ibérica.

Eis o que preconiso. Republicano convicto, concentro meus esforços para chegar á republica portugueza e depois a uma federação entre a Hespanha e Portugal. Proclamada a republica nesses dous países, a consequencia será a federação ibérica.

Será o primeiro passo para a federação humana, objectivo a que tendem todos os philosophos e pensadores contemporaneos. Ha actualmente dous generos de politica: a politica das dynastias e a dos povos.

Pela ultima chegaremos a estabelecer a federação, formula definitiva da democracia moderna.

Este livro, que muito ganharia si fosse por vós escripto, é um resumo de tudo o que tenho publicado sobre esta questão. Talvez não tenha outro merito sinão o da sinceridade que o anima. Aceitai-o como testemunho ardente de reconhecimento e muita admiração. Acreditai, caro Mestre, na segurança de meus melhores sentimentos.

Magalhães Lima, Lisboa, 20 de Novembro de 1892.

"A Magalhães Lima, Paris 30 de Novembro de 1892. Meu caro compatriota (pois nos somos da mesma patria moral e intellectual) felicito-vos pela vossa "Fédération Ibérique," e associo-me inteiramente a vós para desejar que a cousa passe quanto antes das idéas aos factos.

Que a Hespanha e Portugal sejam duas republicas unidas! A federação ibérica será o começo da federação latina, e, como dissestes muito bem, é pela federação das raças que chegaremos á federação dos homens.

Foi pelo anno de 170 que Marco Aurelio escrevia — "Quando pois deixaremos de dizer cidade de Roma, cidade de Athenas, mas cidade do mundo?"

Ha já dezasete seculos e a democracia não attingiu ainda ao ponto sonhado pelo Imperador! A humanidade, caminha lentamente, mas caminha.

Cordialmente vosso—AUGUSTO VACQUERIE."

O. LETUDO.

Factos e Noticias

Sobre o segundo andar da casa n. 71 da rua dos Ourives, em que funciona *A Semana*, cahiu no dia 22 do corrente uma granada, justamente sobre a mesa de trabalho do redactor-gerente. Applacado o primeiro momento de susto, verificou-se ser a tal granada a demissão de Max Fleiuss do logar de 2.º official do Correio Geral.

O canhão que a mandára era, portanto, o Sr. Demosthenes, cujo calibre não é prudente calcular.

A causa desse acto de ferocidade não pode ser outra senão a innocente pilheria da *Historia dos sete dias* referente ás legiões guerreiras apparelhadas por Sua Inclemencia D. Demosthenes I.º para defesa da patria.

O bombardeado continúa sem novidade em sua importante saúde e tem sido muito comprimentado por ter escapado com vida.

O Sr. professor Augusto Girardet, da nossa Escola Nacional de Bellas Artes, offereceu-nos um esplendido baixo relevo com o retrato do genial auctor do *Falstaff* — o immortal Verdi.

O trabalho do Sr. Girardet é uma verdadeira obra d'arte que vai ser apreciada por todos quantos vierem ao nosso escriptorio.

Agradecemos, penhorados, a preciosa gentileza do distincto professor.

Parte por estes dias para Taubaté o nosso amigo Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, habilissimo clinico, cuja competencia tem sido comprovada innumeradas vezes.

A directoria dos correios está, ao que parece, transformada em fortaleza.

Desde que S. Inclemencia Dom Demosthenes I.º apparelhou legiões guerreiras, tem aquella repartição expellido metralhas em penca.

Uma, como dissemos, cahiu na meza do nosso redactor-gerente; outras cahiram sob os Srs. Henrique Aderne, MariaValladares e Nunes Pires, conspiradores conhecidos na opinião do Sr. Demosthenes. Os metralhados nada soffreram além da demissão dos logares de officiaes do correio.

THEATROS

LYRICO.

Fechado, fechadinho...

O Sr. Luiz Ducci tambem fechou a bocca e nada diz aos assignantes sobre as dez recitas que ficaram... no seu bol-inho.

Os artistas já lá vão indo *piano piano* é verdade, mas vão, e os assignantes já encomendaram á casa Vieitas um formidavel oculo para verem o seu rico dinheirinho...

Nem representações, nem concertos, nem restituição!... Viva a pandega, Sr. Ducci. Isto é que é levar á ás direitas.

VARIEDADES.

A companhia do Variedades acaba de obter mais um successo franco e justo, com a representação da graciosa comedia a *Srta. Sargenta*. Repleta do principio ao fim de scenas espirituosas e alegres, a *Srta. Sargenta* ha de fazer furor.

Com a primeira representação da *Srta. Sargenta* estréaram-se quatro novos artistas recentemente entrados para a companhia da Srta. Ismenia dos Santos. São elles os Srs. Cardoso, Fernando Maia, Pereira de Almeida e Lou-a Brazão. O primeiro desses artistas já é conhecido e sympathisado pelo publico; os outros tres recebemo-los com os applausos a que fizeram jus, por isso que se portaram do melhor modo, agradando á platéa, que se retirou satisfeitissima. A empresa da Srta. Ismenia pôde regosijar-se de ter feito uma boa aquisição.

A *Srta. Sargenta* é tradução de uma peça franceza que fez successo em Paris e ha de continua-lo, necessariamente a qui, porque, além da boa interpretação, são vistosos os scenarios e agradável a musica. A cançoneta do 2.º acto, graciosamente cantada pela Srta. Loppiccolo, foi bisada, o que quer dizer que ficará sendo o trecho de musica mais preferido do publico. Os demais artistas portaram-se discretamente. Desejamos que acabe este anormalissimo estado de cousas para que possamos assistir ás outras representações da *Srta. Sargenta*, que vae até o centenario, pois dispõe de todos os elementos para isso.

RECREIO.

Dizem-nos que nesse theatro tem sido representado o drama de Fça Leal—*Diogo Alves*. Não sabemos se é exata a noticia por que a empresa esqueceu se d'*A Semana* e nós aqui somos decidos sectarios de S. Thomé.

POLYTHEAMA.

Consta-nos tambem que tem havido representações nesse theatro. Não o garantimos, porque os Srs. Milone e Tomba, apczar de receberem regularmente *A Semana*, parece que ainda não sabem onde é o nosso escriptorio.

CORREIO

Sr. J. P. — No seu artigo que tem por titulo: "Valentim Magalhães" e "A Semana", começa V. S. deste modo:

"Excellentes tempos! Excelente! Recordal-os? Não calha."

E' isto mesmo, meu bom senhor, não "calha" mesmo; mas o que não calha, sabe o que é? É a publicação do referido artigo nesta folha. Para Taubaté, elle seria certamente "maná", mas para o paladar carioca sabe V. S. que não é qualquer petisco que o consola. Em todo caso muito lhe agradecemos o que diz de bem a nosso respeito e as suas boas intenções.

Quando nos mandar outro acceipe litterario veja se tempeia melhor a panela que, então, será possivel que a cousa "calhe".

Sr. H. DA SILVA — V. S. parece que nasceu impellicado; é daquelles para quem

os cães põem ovos. Dou-lhe a grata noticia de que breve lia de ver figurando na "Collaboração" o seu soneto.

Agora, seu ingrato, veja lá se não me manda uma garrafinha do fino, eu?

Sr. H. G. R. — Seu soneto "A Serenata" não é máo; pecca, porém, rimando "nauta" com "retrata" e "serenata". Além disto não conseguimos comprehender claramente: o que nos quiz V. S. dizer nos tercetos. Quer-nos parecer que falta alli qualquer coisa. Achamos-lhe o sentido suspenso, o que nos levou a suspender até segunda ordem a publicação do soneto, ao qual, uma vez corregido e retocado, daremos publicação.

EXMA. SR. D. IGNOTA — O seu soneto "Extase", miulha senhora, é publicavel; razão porque procuraremos dal-o na "Collaboração" logo que nesta secção encontrarmos espaço para elle.

Ha de permitir-nos porém que lhe façamos uns pequenos retoques que a V. Ex. escaparam e que, nem de leve, alterarão o mimo da sua filigrana rimada.

Sr. JONAS OLYNTHO — O meu amigo deve mudar o nome: passe a chamar-se Felizardo. Pois não é que seu soneto vai passar da letta manuscrita á letta de fôrma?

Logo que haja espaço será publicado; e diga depois que não sou seu amigo!

Sr. SANTOS MAIA — Tambem seu "Soneto metaphysico", cahiu-nos cá na sympathia; e é por este motivo que lhe damos a mesma resposta que ao seu visinho do andar superior, o Sr. Jonas. Isto não faz um filho a um pae, fique certo.

Sr. L. JUNIOR — Que "Baroneza" que o Sr. nos mandou! Pode limpar as mãos á paredel... Baronezas daquella ordem, sem distincção de maneiras, encontram-se aos ponta-pés. Não péga, não; apezar de viuva e moça. Depois cá "A Semana" não é asylo de mulheres desvalidas, fique sabendo.

Sr. HETTOR — Seu soneto "Miragem", precisa de muita lima.

Veja se consegue polil-o e nol-o mande enfronhado em roupa nova, que não duvidaremos sujar-lhe'a com tinta de impressão.

Sr. ? — O seu conto, não assignado, que tem por titulo "A Luizinha", está mesmo a calhar para rodilha de pote.

Que estou eu a dizer! está mesmo a calhar mas é para figurar em certos lugares, onde a gente vai fazer o que a Luizinha foi fazer á praia; deixando materia com que poderá o amigo tecer a sua corôa de gloria. Ha pessoas que a preferem menos aromatica porém mais nutritiva; mas as desta especie corriam o risco de que Vmce. passase-as logo da inspirada cabeça para o estomago faminto. Mas que preciosidade que é o seu conto! Permitta-me que daquelle escriptorio destaque uma perola, ante a qual vai certamente boqui-abrir-se o muudo inteiro; eil-a:

"o "atelier carnal de sua doce mãe..." (lá d'elle!) Que dizem a isto? E' estupendo! Como pode haver debaixo do sol uma cabeça capaz de engendrar aquella geringonça genial, [ein! E' pyramidal! E aposto que o povo de Pirapóra, lugar onde surgiu á luz, depois de esculpido no "atelier carnal", etc., etc., aposto, repito, que o povo piraporense ainda não cogitou na estatua deste "mancêbado!" Base para ella é que não falta: algumas cebolas, dois feixes de capim e um pouco daquillo que Luzia deixou na horta, sendo aquillo que Luizinha deixou na praia o paros em que será esculpida sua figura genial!

O "atelier carnal" de sua...

Oh! é assombroso! e digam depois que este moço não é um fardo de intelligencia!

Abana essas orelhas, ó genio, enxota as moscas do pello e manda-nos mais "ateliers". A "posteridade" é tua.

ENRICO.

Tratos á bola

Começamos por apresentar a D. Josephina B. os nossos agradecimentos pela gentileza que teve para conosco, offerecendo-nos um exemplar do seu "Almanack Fluminense," para o proximo anno, que veio d'esta vez ainda mais catita que das outras.

Porque razão não tem querido a gentil charadista dar um ar de sua graça a esta secção, que sempre se sentio honrada com a sua collaboraçãõ (salvo a rima)?

Felizmente, Deus, sempre compensador, deu á illustre Lilazia a santa inspiraçãõ de vir em auxilio do pobre frade estropeado!

A ella deve o triste asceta um rico material charadistico, de que dispõe neste momento, e do qual vai dar hoje uma pequena parte aos seus leitores.

Cara Lilazia, formosa caçadora de conceitos logogrifhanticos, dou-lhe a grata noticia de que d'esta vez cantou victoria. O premio está á sua disposiçãõ.

Eis, portanto, a decifraçãõ dos "tratos" do ultimo numero:

"Pirinola, — Caipira, — Patarata, — Cama-maca, — Barretina, — Bombardeio, — Semam, — Mercadante, — Solfa."

Concorreram tambem os tiribas Barbus de sebo, Espada aguda, Coriolano, D. Broualuh, Muta-cobra e Lourencinho, mas... turde piaram todos elles.

Dou a palavra agora á amavel Lilazia.

LOGOGRYPHO

(Por syllabus)

Oh! bendita essa junella
Por onde espralo o olhar,
E aonde surges, senhora, — 4, 3.
Senhora do meu pensar. — 4, 1.

Espero-te sob o buleão
D'essa junella florida,
Onde a ventura reside, 2, 3.
Onde busco uma outra vida.

Quando estou á fresca sombra—3, 2.
D'esse encantado jardim,
Tudo me fala de amôr,
D'esse amor que tens por mim

Que phrases nesses colloquios!...
Quantos beijos, quanto ardor!...
Ha mais ventura em meu peito,
Em teus olhos mais amor!

CHARADA ENYGMATICA

A minha parte segunda—2
Na primeira deve estar—1.
O todo, sem barafunda,
No campo vão encontrar.

LILAZIA.

NOVISSIMAS

A cathedral é parente e deleita pela leitura—1, 2.

A mulher do totó estudava na Asia.—2, 1, 2.

No Stromboli é ruim esta fructa—1, 1.

EUQIRNEH.

CHARADA

(em terno)

Estava olhando p'ra o tecido
E a correia... de agoitar?
Olha, estava no teclado
Para o terno terminar.

AMOR PERFEITO.

ENYGMA

teiro	F...		1
teiro		F...	
teiro	Q — A. —	½ A. —	
teiro		Z...	
teiro	Z...		100 T. O.

CHARADA

A's direitas animal timido—2.
A's avessas animal feroz.

BIBLIOPHILO.

Agora, tenham paciencia: o fradeço vai retomar a palavra:

Se começa como acaba,
Acaba como começa.—2.
E' liso como a golaba;
Qu'ira engulil-o de pressa

ANTIGA

Parte do corpo por onde se anda—1, 2.
Ave domestica que anda de banda.

E chega, que já é serviço!

Antes de pôr o ponto final, cumpre ao velho religioso agradecer a benevola coadjuvaçãõ que lhe tem sido dispensada pelos amaveis irmãos Thiunor, Feroz, Liluzia, Amor Perfeito, Bibliophilo e os mais que tem tido a bondade de mandar "lenha" e "bã" cá para esta secção, que outra cousa não é senão o triste cenobio onde jaz martyrisado pelo jejum e pela penitencia o velho e descarnado eremita, fugido das vaidades do mundo, que se chama

FREI ANTONIO.

ARCHIVO

Relatorio dos serviços dos correios, apresentado pelo bacharel Demosthenes da Silveira Lobo, director d'aquella repartição.

E' um volume com cerca de 350 paginas, bem impresso, contendo informações sobre os correios, preparado pela 1ª secção da Divisãõ Central dos Correios, com diz em seu officio de remessa o proprio bacharel Demosthenes. Da lavra de S. S. ha apenas o alludido officio que constitue bello exemplo de grammatica, bom senso e conveniencia. Damos uma amostrinha:

"A agglomeraçãõ de cartas e correspondencia de toda a ordem, a atençaõ que o serviço exige de cada empregado, não permite que nem mesmo o companheiro do lado possa ver a *ligereza* (o gripho é nosso) commettida por qualquer empregado pouco escrupuloso."

"La Fédération Ibérique"—De Magalhães Lima. Typ. Gautherin et Cie. Paris 1893, este exemplar foi-nos graciosamente offerecido pelos Sis. Alves & C.

"Almanack Fluminense"—Rio de Janeiro 1893.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO

HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHDAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importaçãõ por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela, reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocaçãõ de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracçãõ de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracçãõ de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcçãõ das anomalias de implantaçãõ, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturaçãõ e reconstrucçãõ de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuiçãõ.

Consultas e operações das 8 horas da manhã ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

LIVROS

adoptados em diversos Estados do Brasil

A' VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 Rua Gonçalves Dias 46

F. Carvalho: primeiro livro de leitura.....	1\$500
F. Carvalho; segundo livro de leitura.....	2\$000
F. Carvalho: terceiro livro de leitura.....	2\$500
Hilario Ribeiro: Cartilha Nacional.....	\$500
Hilario Ribeiro: novo 2º livro de leitura.....	1\$000
Hilario Ribeiro: novo 3º livro de leitura.....	1\$000
J. Ribeiro: grammatica portugueza 1º anno.....	1\$000
De Amicis: O Coração, 1 vol.....	1\$500
Barker: Taboadas.....	\$100
Couturier; Arithmetica da infancia.....	\$400
NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA, por Felix Ferreira, 8ª edição muito melhorada. Obra premiada na Exposição de Pariz em 1892.....	2\$000
LIÇÕES DE COUSAS, para crianças de 5 a 8 annos com muitas illustrações, por Zaluar.....	1\$000
NOÇÕES DA VIDA PRATICA, (Lições de Cousas) por Felix Ferreira, 1 vol. de 507 paginas, impresso e illustrado em Pariz, com 200 gravuras.....	3\$000
PATRIA E DEVER, (Elementos de Educação Civica e Moral), por Hilario Ribeiro, 1 vol. in. 16 cart.....	1\$000
A HISTORIA DO BRASIL ensinada pela biographia de seus heróes, por Sylvio Romero, 1 vol. in-16.....	1\$000
CATECHISMO CONSTITUCIONAL, da Republica dos Estados Unidos do Brasil, contendo toda a Consstituição em forma de Catechismo e augmentado de numerosas notas explicativas do texto, por J. Borges Carneiro, 1 vol. enc.....	1\$000
PRINCIPIOS DE COMPOZIÇÃO, descripções, narrações, cartas, etc., segundo o programma, 2ª edição correcta e augmentada, por Guilherme do Prado, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
TRECHOS DOS AUTORES CLASSICOS, adoptados pelo governo para os exames geraes de preparatorios, por Guilherme do Prado, 3ª edição, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
COMPENDIO DE ANALYSE LOGICA, precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
TRECHOS ESCOLHIDOS PARA OS EXERCICIOS GRADUADOS DE ANALYSE LOGICA, por Filisberto de Carvalho, 1 volume in-16 cart.....	1\$000
ANALYSE SYNTHATICA, novo methodo theorico e pratico, obra aprovada pelo conselho director da instrucção publica e adoptada por ordem do governo nas escolas publicas, e para exames de portuguez, por A. E. da Costa e Cunha, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
COMPENDIO DA GRAMMATICA da lingua nacional, por Antonio Pereira Coruja, 1 vol. cart.....	1\$000
METHODO PARA O ENSINO DO DESENHO, por Olavo Freire, curso elementar, 1ª classe, tres cadernos, que se vendem separadamente; cada um.....	\$300
ARITHMETICA das escolas primarias organizada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. Pereira de Carvalho, 1. vol. in-32 cart.....	\$800
GUIA PEDAGOGICA DE CALCULO MENTAL e uso do contador mecanico ou "arithmomoeiro" no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
ARITHMETICA, methodo para aprender a contar com segurança e facilidade, por Condorcet, 1 vol. in-32 cart.....	\$600
ARITHMETICA PARA MENINOS, contendo unicamente o que é indispensavel e se póde ensinar nas escolas de primeiras lettras por A. A. Coruja, 1. vol. br.....	\$200
GEOGRAPHIA-ATLAS, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado á infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. meia cart. obl.....	1\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL (Rudimentos), para as escolas primarias, 2ª edição ornada de tres cartas, pelo Dr. Moreira Pinto 1 vol.....	1\$500
EPITOME DA HISTORIA DO BRAZIL, pelo Dr. Moreira Pinto 2ª edição illustrada com retratos de homens illustres do Brazil, 1 vol cart.....	1\$000
HISTORIA UNIVERSAL (Rudimentos), de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
NOÇÕES DE HISTORIA DO BRAZIL, adaptadas á leitura nas escolas, por Coruja, 1 vol. cart.....	2\$000

Dr. P. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores, etc., etct

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.